

## Democracia, saúde e liberdade: produzindo pensamentos e práticas inclusivas no trabalho em rede

Com o número atual, encerramos o volume 4, de 2018, da nossa Saúde em Redes. Concluímos, com ele, quatro anos de publicações regulares onde, volume após volume, ampliamos o número de artigos, de submissões recebidas, de pareceristas colaboradores e de acessos aos artigos publicados. Esse é um desafio substantivo, uma vez que a Rede Unida e sua Editora permanecem com a determinação de fortalecer o acesso aberto, sem onerar autores e leitores para a submissão, publicação e acesso às edições da Revista e aos livros publicados na biblioteca digital, mesmo diante da redução abrupta de fontes de fomento para a ciência e a tecnologia.

Nos primeiros quatro anos, alcançamos números significativos, que merecem uma comemoração compartilhada, uma vez que só foram possíveis pela colaboração de centenas de autores, inclusive jovens autores (aproximadamente 30% dos autores são estudantes de graduação ou mestrado) do campo da saúde coletiva, de quase duas centenas de avaliadores, de um grupo bem mobilizado de editores e apoiadores da Editora. Agradecemos muito a cada um e cada uma. No período, tivemos 16 números regulares, 3 suplementos, 210 artigos (sendo 83 em 2018)

de mais de 300 autores brasileiros e de outros países, totalizando quase 150 mil downloads.

Nosso compromisso com os leitores e com os autores e nossa contribuição com a democratização do acesso ao conhecimento que pode ampliar a potência do trabalho e da educação na saúde e da vida de cada um e cada uma, estão registrados aqui e mobilizaremos grandes esforços para mantê-los firmes em 2019. Num tempo em que os investimentos em ciência e tecnologia são reduzidos de forma substantiva e, mais ainda, em um período da história brasileira onde segmentos da sociedade e do governo cultuam a desinformação e combatem a ciência, afirmar o acesso livre à informação e ao conhecimento é uma opção política que busca honrar a história da Rede Unida e seu apoio à democracia e à liberdade.

Iniciamos o nosso quinto ano, com desafios importantes. Não apenas para manter essas posições éticas e políticas, senão também para resistir às iniciativas de esvaziamento das instituições e das políticas públicas inclusivas e socialmente justas. A democracia está assentada na definição Constitucional do Estado Democrático de Direito, que diz respeito à soberania, à vontade popular e ao respeito às minorias, à defesa de uma cidadania densa e aos direitos humanos por meio de políticas

públicas. A ciência e a tecnologia têm contribuições relevantes ao alcance das definições constitucionais de democracia e liberdade, assim como têm as instituições de ensino e pesquisa, que precisam ter sua autonomia de pensamento e acadêmica preservadas e fortalecidas, pelas demais instituições e por seus atores do cotidiano.

O ano de 2018 terminou, e, entre outras constatações, é inevitável perceber que a democracia brasileira é frágil e que a participação social precisa ser fortalecida com alianças fortes com o melhor que a produção acadêmica pode produzir. O obscurantismo de ideias e práticas institucionais e as iniciativas fascistas que brotam no cotidiano da sociedade como um todo e em instâncias do Estado, em particular, requerem muito esforço e ainda mais democratização e transparência das contribuições que a ciência e a tecnologia podem dar ao cotidiano da vida de cada um e cada uma. É preciso dissolver a névoa de descredito no desenvolvimento sustentável e socialmente inclusivo que se dissemina outra vez na história do país, sustentada por iniciativas de manipulação do pensamento, que atravessam as instituições e a sociedade. É preciso recuperar a ideia da democracia e da inclusão, fortalecendo os argumentos que afirmam a vida de cada um e cada uma, demonstrando que a liberdade e a democracia são valores que alcançam a todos e todas, diferentemente das imagens repetidas à exaustão, buscando validação como verdades por efeito de repetição.

No escopo desses desafios, o ano de 2019 é o ano da 16ª Conferência Nacional de

Saúde, com o tema “**Democracia e Saúde: Saúde como Direito e Consolidação e Financiamento do SUS**”. A inspiração na 8ª Conferência Nacional de Saúde é fonte de energia para defender conquistas e avanços, para mobilizar resistências e para produzir redes de diversidade. Múltiplas cores, diversidade de valores eticamente sustentados, democracia e liberdade haverão de produzir ecos em todo o território brasileiro e tomar o planalto central em agosto.

Desejamos um processo de Conferência que, como o VER-SUS, produza a mobilização de corações e mentes para conquistar novos platôs de democracia e desenvolvimento, de inclusão e respeito às diversidades, de políticas públicas inclusivas e fortalecedoras da vida de cada um e cada uma. Sobretudo, para fortalecer o Sistema Único de Saúde (SUS) e o eixo de mudanças na formação de trabalhadores da saúde, aproximando cada vez mais o ensino e o trabalho e estimulando práticas inovadoras e radicalmente comprometidas com a democracia e a liberdade. O ano começa com novidades e parcerias, no Brasil e em outros países. Fortaleceremos as redes para a produção de saúde, seja nos serviços e sistemas, seja por meio da aprendizagem ativa e comprometida.

Finalizamos o volume 4, retomando o poeta amazonense Thiago de Mello (“Os estatutos do homem”): “Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo”; “Fica decretado

que agora vale a verdade, que agora vale a vida, e que de mãos dadas, trabalharemos todos pela vida verdadeira”. Para lembrar que a alegria, a justiça, a verdade e a potência da vida são mais facilmente alcançáveis com práticas generosas, com o trabalho colaborativo e com redes fortes, onde o “segurar a mão” de cada um e cada uma seja, ao mesmo tempo, método de trabalho e mecanismo de resistência.

Por ora, queremos desejar a cada um e cada uma que, na leitura dos artigos dessa edição, encontre motivações fortes para pensamentos libertários, para práticas de resistência no trabalho no interior de sistemas e serviços de saúde, assim como nas instituições de ensino e pesquisa e no cotidiano do trabalho em saúde e educação. Também para escrever e compartilhar conosco os aprendizados do cotidiano. Boa leitura!

Alcindo Antônio Ferla (Editor-chefe);  
Gabriel Calazans Baptista (Editor-associado).